

PRODUÇÃO ORAL EM INGLÊS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM MATERIAL DIDÁTICO AUTORAL FOCADO NA INSTRUÇÃO DIFERENCIADA

Jairo de Oliveira¹

Valesca Brasil Irala²

Resumo:

O ensino de línguas adicionais (LA), em particular o inglês, mesmo sendo legitimado no ensino regular através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ainda hoje parece não conseguir atender às necessidades da sociedade brasileira, que repete em seu discurso a crença de que "inglês em escolas públicas não funciona" (LIMA, 2011). Estudos apontam que uma das razões que reforça essa crença é o contexto em que a aula de LA acontece, apresentando geralmente grande número de alunos nas salas de aula, turmas desniveladas em termos de conhecimento da língua e a falta de metodologia e recursos didáticos adequados (PCN, 1998). Este estudo discorre sobre o ensino da produção oral em língua inglesa a partir da instrução diferenciada e do ensino baseado em tarefas. Teve como objetivo desenvolver e avaliar a implantação de uma proposta pedagógica para o ensino da língua adicional/Inglês no Instituto Federal Farroupilha - Campus São Borja-RS, por meio da produção de um Material Didático Autoral (MDA), tendo como foco principal o ensino da produção oral e contemplando as diferenças individuais dos aprendizes. O contexto de aplicação da pesquisa trouxe alunos com os mais variados históricos de aprendizagem. Os resultados apontam que todos apresentaram progresso, mesmo aqueles que foram diagnosticados como "mais fracos" e cujo perfil parece estar diretamente relacionado ao discurso de fracasso do ensino de línguas na escola pública. Mesmo em um curto espaço de tempo de aplicação, as produções orais apresentadas ao final foram consistentes com o que foi proposto. O progresso desses alunos corrobora com a premissa de que é possível iniciar na sala de aula um movimento pautado por ações pedagógicas concretas, que atuem no sentido de desconstruir a crença de que a escola pública não ensina inglês.

Palavras-chave: produção oral, instrução diferenciada, ensino baseado em tarefas

Modalidade de Participação: Pesquisador

PRODUÇÃO ORAL EM INGLÊS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM MATERIAL DIDÁTICO AUTORAL FOCADO NA INSTRUÇÃO DIFERENCIADA

¹ Aluno de pós-graduação. jairo.oliveira@iffarroupilha.edu.br. Autor principal

² Docente. turmadepac@gmail.com. Co-autor



PRODUÇÃO ORAL EM INGLÊS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM MATERIAL DIDÁTICO AUTORAL FOCADO NA INSTRUÇÃO DIFERENCIADA

1. INTRODUÇÃO

O ensino de Línguas Adicionais (LA) nas escolas do Brasil é previsto na Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Porém, o que se percebe é que, apesar de estar presente nos currículos escolares, ainda prevalece no seio da sociedade brasileira a crença de que “não se aprende língua estrangeira na escola” (LIMA 2011). Talvez isso ocorra porque essa sociedade espera como produto final do ensino de línguas um aprendiz falante e as escolas brasileiras têm conseguido no máximo formar leitores em língua estrangeira. Estudos têm apontado que dentre as maiores razões para o insucesso do ensino das habilidades orais na escola estão a forma como o ensino de LA está regulamentado e, principalmente, o contexto em que a aula de LA acontece. Esse trabalho apresenta uma proposta metodológica aplicável a esse contexto, com vistas ao desenvolvimento das habilidades orais em LA e com foco nas diferenças dos aprendizes, tratadas aqui com o termo *mixed abilities*. Ensinar grupos com *mixed abilities* significa trabalhar com alunos que têm diferentes personalidades, diferentes habilidades, diferentes interesses e diferentes estilos e necessidades de aprendizagem. Toda e qualquer sala de aula é composta por aprendizes que, de alguma forma, se diferem uns dos outros. (UR, 1991, p. 303). Para contemplar essas diferenças e promover o engajamento desses alunos, a proposta desse trabalho baseia-se em duas bases teóricas: A primeira delas é o Ensino Baseado em Tarefas (*task based approach*), segundo o qual o processo de ensino/aprendizagem das LA acontece a partir de atos comunicativos com finalidade de atingir um determinado objetivo. (COOK, 2008). A segunda base teórica está fundamentada na Instrução Diferenciada (*differentiated instruction*), a qual busca atender às necessidades específicas de cada aprendiz sem se desviar do objetivo proposto para a aula como um todo (TOMLINSON e ALLAN, 2000).

Tendo como base a problemática de como desenvolver uma proposta pedagógica viável e que contribua para que o ensino da produção oral em língua inglesa seja contemplado de forma mais satisfatória, atingindo tanto alunos com maior conhecimento prévio da língua quanto alunos iniciantes, este trabalho teve por objetivo geral foi desenvolver e avaliar a implantação de uma proposta pedagógica para o ensino da língua adicional/Inglês no Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja, por meio da produção de um Material Didático Autoral (MDA), tendo como foco principal o ensino da produção oral e contemplando as diferenças individuais dos aprendizes. Teve como objetivos específicos a) realizar um diagnóstico inicial com vistas a identificar o nível de proficiência no tocante às habilidades orais em língua inglesa dos alunos da turma na qual a proposta foi implementada; b) compreender criticamente o processo pedagógico empreendido durante a implantação da proposta, tendo por base a instrução diferenciada e suas quatro formas de diferenciação, a saber: de insumo, de processo, de produto e de ambiente de aprendizagem e; c) identificar, após o período de implantação, possíveis ganhos na aprendizagem dos alunos no que diz respeito ao desenvolvimento da produção oral

2. METODOLOGIA

Por conta de questões de internacionalização, o Instituto Federal Farroupilha tem tomado algumas iniciativas no que diz respeito ao ensino de inglês. Uma delas é a implantação de um Centro de Idiomas que tem por objetivo qualificar seus alunos no tocante à proficiência em línguas adicionais. Foi a sala de aula do Centro de Idiomas do Campus São Borja - RS que essa pesquisa se propôs a investigar. As turmas ali formadas são mistas, compostas por alunos de todos os níveis de ensino oferecidos pela instituição. A turma escolhida foi a de Inglês Básico I. A seleção dos alunos foi regida por meio edital interno e aconteceu por meio de sorteio público. De um total de 25 vagas ofertadas, 18 foram preenchidas sendo que 13 alunos concluíram o curso. Foi a partir do trabalho desenvolvido com estes 13 alunos que os dados da pesquisa foram gerados. As aulas foram desenvolvidas em encontros semanais com duas horas-relógio de duração, às terças-feiras, das 17h às 19h, no período compreendido entre 18 de abril e 11 de julho de 2017, totalizando 11 encontros.

Por se tratar de um estudo que tem interesse nas diferenças individuais dos aprendizes, este trabalho foi pautado pelo pressuposto teórico da instrução diferenciada. Para que essa metodologia fosse aplicada, foi preciso primeiro reconhecer a existência de aprendizes com diferentes históricos de aprendizagem e grau de conhecimento da língua na sala de aula. A existência dessas diferenças foi confirmada a partir da realização de um diagnóstico inicial, o qual constituiu a primeira fase da pesquisa e foi dividido em duas etapas para geração de dados: um registro em vídeo de uma primeira produção oral dos alunos e um questionário com o intuito de investigar seus históricos de estudos da língua inglesa. Com base no perfil individual de cada aluno participante, construído a partir deste diagnóstico, chegou-se à formação de dois grupos com semelhanças de perfis no que diz respeito ao conhecimento prévio que tinham da/sobre a língua inglesa, aqui denominados **strongers** (constituído por 06 alunos) e **weakers** (constituído por 07 alunos). O trabalho então foi desenvolvido a partir da produção e aplicação de Material Didático Autoral (MDA) composto por 05 lições. Nessa etapa, a geração de dados ocorreu a partir da gravação em vídeo das aulas, vídeo-relato do professor pesquisador, fotocópia do material didático dos alunos e rubricas de autoavaliação dos alunos e avaliação do material. Por último, uma produção oral final foi realizada pelos alunos e registrada em vídeo, tendo sido esta comparada à produção realizada no diagnóstico inicial e utilizada como parâmetro para analisar os ganhos na aprendizagem dos alunos.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

3.1. O diagnóstico Inicial

O diagnóstico inicial teve por objetivo identificar o conhecimento que cada aluno trazia para a sala de aula. A execução da primeira tarefa (produção oral inicial) foi registrada em vídeo e foi a partir dela que se iniciou a construção do diagnóstico e a formação dos dois grupos de interesse desta pesquisa. Dois critérios principais foram levados em conta para classificar estes grupos. O primeiro foi com respeito à quantidade de informações apresentadas em inglês. Além do cumprimento e do nome, os alunos classificados no grupo **strongers** apresentaram outras informações relevantes assim distribuídas: a) seis mencionaram a idade; b) seis incluíram informações sobre o que fazem; c) seis mencionaram onde nasceram ou onde vivem, ou ambas as informações; d) três mencionaram coisas que gostam; e) um mencionou planos futuros; f) um mencionou atividades passadas e; g) um mencionou a família. O segundo critério foi com relação à acuidade e à complexidade das estruturas

empregadas. Quanto as estruturas utilizadas: a) dois utilizaram tempos verbais mais complexos como o presente perfeito e o futuro simples e b) um utilizou o tempo verbal passado simples com um verbo irregular devidamente conjugado. Quanto ao grupo dos *weakers*, as produções apresentadas foram bastante limitadas tanto no quesito quantidade, quanto no quesito complexidade. Com relação à quantidade, alguns apenas cumprimentaram a audiência e mencionaram seus nomes. Dois alunos enfatizaram que era tudo o que conseguiam produzir. Aqueles que colocaram informações adicionais foram muito imprecisos na questão estrutural. Quanto ao questionário, os dados informados pelos alunos serviram como elemento de reforço para ratificar a classificação feita a partir das entrevistas. 93% dos alunos responderam já terem estudado inglês previamente, todos na escola regular. 35% estudaram também em outros contextos como escolas de idiomas ou cursos *online*. Mais da metade deles estudou por pelo menos 3 anos e por cerca de 2 horas semanais. Quanto a outros recursos de contato com a língua além da instrução formal, música (13 respostas), internet (12 respostas) e filmes (10 respostas) foram as fontes mais citadas

3.2 A Instrução diferenciada

Os resultados aqui apresentados dizem respeito à Instrução Diferenciada. Esta é descrita como uma estratégia pela qual o professor adapta a sua aula e propõe tarefas capazes de suprir as múltiplas necessidades de ensino individuais apresentadas pelos seus alunos. Quatro elementos da sala de aula podem ser trabalhados na instrução diferenciada, sendo eles: o **insumo**, o **processo**, o **produto** e o **ambiente de aprendizagem**. (TOMILISON e ALLAN, 2000; TOMILISON, 2001; DUDLEY e OSVATH, 2016).

3.2.1 Diferenciações de insumo

O insumo é entendido na instrução diferenciada como a forma pela qual o aluno terá acesso a essas informações. (TOMILINSON e ALAN, 2000). Um exemplo de diferenciação de insumo aconteceu a partir do uso da língua materna nos enunciados das tarefas. Os alunos do grupo *weakers* receberam no seu MDA instruções em inglês com uma versão em português para auxílio na interpretação. Além do desempenho satisfatório, sem necessidade de explicações mais extensas, os alunos ressaltaram na avaliação do material que este recurso auxiliou muito na execução da tarefa

3.2.2 Diferenciações de processo

Outra maneira de diferenciar a instrução pode ser introduzida no processo, entendido como as tarefas que o aluno precisa realizar a partir do insumo (DUDLEY e OSVATH, 2016). Como exemplo desse tipo de diferenciação, na lição 02 do MDA, uma das tarefas propunha que o aluno “conversasse” com dois personagens que ilustram o material. Os dois grupos receberam como insumo as falas destes personagens na conversa, porém a forma como deveriam responder foi diferenciada. Os alunos do grupo *stronger* precisavam construir suas falas preenchendo lacunas em branco no diálogo. Já os alunos do grupo *weaker*, receberam opções de resposta nas quais deveriam apenas selecionar quais falas seriam mais adequadas. A diferenciação no processo surtiu efeito, pois os dois grupos obtiveram êxito na realização das tarefas a eles propostas.

3.2.3 Diferenciações de produto

Um terceiro elemento de aula que pode ser diferenciado na instrução diferenciada é o produto. Tomlinson e Allan (2000) definem o produto como “aquilo que o aluno precisa apresentar para demonstrar que aprendeu, entendeu e é capaz de fazer como resultado do processo” (TOMILINSON e ALLAN, 2000. p. 06). Na lição 02, os alunos foram instigados a escrever um pequeno texto descrevendo seu local de residência e destacando suas características. A diferenciação de produto ocorreu na forma como este texto foi escrito. Para os alunos do grupo *stronger* a escrita foi menos controlada, apenas os tópicos que poderiam ser incluídos na escrita foram sugeridos no enunciado. Para os alunos do grupo *weaker*, essa produção escrita foi controlada. Os alunos receberam um texto pré-formatado com lacunas para serem preenchidas que, dedutivamente, os levava a falar sobre os mesmos tópicos propostos aos *strongers*. As produções dos alunos apresentaram variedade e riqueza de detalhes. Uma das alunas do grupo dos *strongers* falou sobre sua cidade natal e incluiu detalhes além dos que foram pedidos, como por exemplo o nome do santo patrono (São João) e os imigrantes que colonizaram a cidade. Outra conseguiu discorrer sobre todos os tópicos sugeridos no enunciado. Uma aluna do grupo dos *weakers* utilizou uma grande variedade de adjetivos para preencher os espaços no texto pré-formatado. Por fim, outra aluna do grupo *weaker* registrou na avaliação do material ter gostado da forma como a tarefa foi proposta.

3.2.3 Diferenciações de ambiente de aprendizagem

O quarto elemento que pode ser diferenciado na sala de aula é o próprio ambiente de aprendizagem, entendido como a maneira como a sala de aula é organizada e opera em cada tarefa (DUDLEY e OSVATH, 2016). Exemplos de diferenciação do ambiente incluem a realização de tarefas em grupos ou em duplas. Tarefas do tipo “*stand up and walk around*” (levantar e caminhar pela sala) também são exemplos de diferenciação de ambiente. Um exemplo disto aconteceu na lição 01 do MDA, cujo objetivo era aprender a cumprimentar em inglês. Nela, após apresentadas e discutidas algumas possibilidades de cumprimentos, os alunos deveriam caminhar pela sala e cumprimentar os colegas, interagindo livremente. Nesta tarefa, os resultados quanto ao desenvolvimento da produção oral começaram a aparecer, muito por conta da interação e cooperação entre os alunos. Comparando o que os alunos produziram como cumprimento no diagnóstico e nessa tarefa, percebeu-se que já começaram a incorporar novas possibilidades linguísticas. Também se percebeu que a diferenciação de ambiente com a atividade do tipo “*stand up and walk around*” trouxe bons resultados, permitindo que as interações entre os alunos acontecessem independente do grupo ao qual pertenciam.

4.3 A produção final e os ganhos na aprendizagem

Decorrido o período de aplicação das lições previstas no MDA, os alunos apresentaram como produção final um vídeo no qual se apresentam oralmente para a câmera. Estes vídeos tiveram cunho avaliativo e foram comparados com a primeira produção oral feita na tarefa do diagnóstico inicial para que se pudesse ter uma verdadeira noção do progresso dos alunos. Como avaliação final sobre ganhos na aprendizagem, no tocante às produções orais percebe-se que no comparativo todas foram mais ricas tanto quantitativamente quanto qualitativamente. Com relação à quantidade de informações, todos os alunos incluíram de alguma maneira nas suas apresentações aspectos referentes aos cinco tópicos que foram desenvolvidos na proposta do MDA. Quanto à qualidade das produções, as imperfeições de estrutura que surgiram nas produções do diagnóstico inicial foram sanadas. Também houve

mais riqueza e variação de vocabulário, ou de possibilidades de expressar uma ideia, como por exemplo o uso da expressão “*I was born and raised in*” para falar de suas origens, da expressão “*I grew up*” para descrever o local onde passou a infância e do cumprimento “*Hey! What’s up!*”. Todas estas possibilidades foram introduzidas em aula a partir das entrevistas dadas pelos personagens e que compuseram a seção de apresentação dos itens da linguagem no MDA.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho mostrou que a sala de aula com *mixed abilities* e, em especial, a de línguas adicionais, apresenta-se como um verdadeiro desafio para o professor. A instrução diferenciada pode se configurar como uma excelente estratégia para que o professor responda às demandas decorrentes das diferenças individuais apresentadas pelos aprendizes, pensando o processo de ensino/aprendizagem de sua sala de aula de forma que se valorize o potencial e as particularidades de cada um de seus alunos e que seu trabalho se concretize em práticas de sala de aula capazes de desenvolver o potencial desses. Os resultados obtidos com a aplicação do MDA mostraram que é possível ensinar línguas adicionais na escola pública. O contexto de aplicação dessa pesquisa trouxe alunos com os mais variados históricos de aprendizagem. Todos estes participantes apresentaram progresso, mesmo aqueles que a partir do diagnóstico inicial foram classificados no grupo dos *weakers* e cujo perfil parece estar diretamente relacionado ao discurso de fracasso do ensino de línguas na escola pública. Mesmo em um curto espaço de tempo de aplicação, as produções orais por eles apresentadas ao final foram consistentes com o que foi proposto. O progresso desses alunos corrobora com a premissa de que é possível iniciar na sala de aula um movimento pautado por ações concretas que atuem no sentido de desconstruir a crença de que a escola pública não ensina inglês.

5. REFERÊNCIAS

- BRASIL, LDB. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- _____., Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITISH COUNCIL. Instituto de Pesquisas Plano CDE. O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira. 1ª Edição. São Paulo, SP: British Council Brasil, 2015.
- COOK, Vivian. Second Language Learning and Language Teaching. 4th Edition. Londres: Hodder Education, 2008.
- DUDLEY, Edmond; OSVÁTH, Erica. Mixed Ability Teaching. Oxford. Oxford University Press, 2016.
- LIMA, Diógenes Cândido de. Quando o ideal supera as diversidades: Um exemplo a (não) ser seguido. In: LIMA, Diógenes C. (org) inglês em escolas públicas não Funciona? Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 159 – 170.
- TOMILINSON, Carol A. ALLAN, Susan D. Leadership for Differentiating Schools and Classrooms. Site Association for Supervision and Curriculum Development (ASCD). 2000. [Acesso em 06 outubro 2016] Disponível em <http://www.ascd.org/publications/books/100216/chapters/UnderstandingDifferentiatedInstruction@BuildingaFoundationforLeadership.aspx>. Acesso em 06 outubro 2016.
- UR, Penny. A Course in Language Teaching. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.